

ISSN 2184-3309

*Boletim*

**ASSOCIAÇÃO CULTURAL  
FIALHO DE ALMEIDA**



**NOVEMBRO / 2021 • N.º 6 - II SÉRIE  
CUBA**

## Sumário

- 1 Editorial
- 3 Os Pobres  
Fialho de Almeida
- 9 Uma página inédita  
de Fialho de Almeida  
Emília Salvado Borges
- 14 Fialho de Almeida  
– Correspondência (1877-1911)  
Emília Salvado Borges
- 23 Algumas perguntas  
a Emília Salvado Borges
- 27 O trabalho de Emília Salvado Borges  
– Uma revolução nos estudos  
de Fialho?  
António Cândido Franco
- 35 Simbologia dos gatos  
Natália Quinta-Queimada
- 37 Sobre o busto de Fialho  
em Vila de Frades  
Diogo de Macedo
- 39 Uma parte de Fialho  
que viveu na minha vida  
Martinho Marques
- 43 Fialho, Odorico e Dias:  
uma amizade improvável  
Stevan Lekitsch
- 47 Noticiário

## Boletim da Associação Cultural Fialho de Almeida

N.º 6 - II Série  
Novembro / 2021

Direcção / Coordenação  
Francisca Bicho

Redação  
Apartado 25 - EC Cuba  
7940-999 Cuba  
ac.fialhodealmeida@gmail.com

Edição  
Associação Cultural  
Fialho de Almeida  
NIPC N.º 504 485 989

Tiragem  
500 exemplares

Capa  
M. Passinhas

Composição / Impressão  
BejaGráfica, Lda.  
Tel. / Fax 284 322 250  
7800-440 Beja

ISSN 2184-3309  
Depósito Legal 142 282 / 99

O Boletim da ACFA está aberto a toda a colaboração, não se responsabilizando, contudo, a Direcção, pela publicação e devolução dos originais não publicados

## O trabalho de Emília Salvado Borges – Uma revolução nos estudos de Fialho?

■ António Cândido Franco (Universidade de Évora)

Ao longo dos 110 anos que leva a sua posteridade – morreu em 1911 – Fialho de Almeida tem sido um autor lido e estudado, num contínuo regular e compacto, que tem em certos pontos da sua trajectória erupções mais avantajadas, que são as cumeeiras do maciço da sua recepção póstuma. Nas duas últimas décadas, já no novo século, damos notícia de alguns trabalhos consagrados a Fialho que, pela sua dimensão, pesquisa e inteligência crítica, merecem figurar nesta linha de desenvolvimento. Referimo-nos ao livro de Lucília Verdelho da Costa, *Fialho de Almeida – um decadente em revolta* (2004), aos trabalhos de Isabel Cristina Mateus, sobretudo à sua obra «Kodaquização» e *despolarição do Real – para uma poética do grotesco em Fialho de Almeida* (2008), porventura o estudo mais inovador dos últimos anos sobre Fialho, e às dissertações de doutoramento de José António Costa Ideias, *O fantástico em Jean Lorrain e Fialho de Almeida – pessimismo e decadentismo finisseculares* (2010), e de Ricardo Revez, *A ideia de decadência nacional em Fialho de Almeida* (2009). A estes somam-se no mesmo período alguns outros, académicos ainda, como o de Drumond Braga (2008), o de Inês Rodrigues (2010) e o de Vanda Rosa (2019), que mostram como Fialho continua a ser um autor lido e

estudado.

O último grande momento em torno da obra de Fialho de Almeida aconteceu já no final do ano de 2020 como livro *Fialho de Almeida – Correspondência 1877-1911* (Lisboa, Colibri, pp. 482), edição da responsabilidade da investigadora e estudiosa Emília Salvado Borges. Para se perceber a importância deste livro importa dizer que desde a morte de Fialho, ou pelo menos desde a publicação do *In Memoriam* (1917), que algumas personalidades próximas do escritor instavam para que se reunisse e editasse a sua correspondência epistolar, encarada como uma faceta insólita e esclarecedora da sua acção escrita. Em 1919 António Patrício e Gualdino Gomes, admirador o primeiro e velho amigo o segundo, chegaram mesmo a apalavrar um editor, Aillaud, Alves e C.<sup>a</sup>, de Lisboa, para concretizar o projecto. Não foi possível adiantar o trabalho, ou porque os testamenteiros não lhe acharam prioridade, o que é possível mas não provado, ou porque não surgiu o investigador paciente capaz de levar por diante a árdua tarefa de reunir e organizar para edição as muitas centenas de cartas do escritor, quase todas inéditas, dispersas para mais em acervos privados pouco acessíveis, razão que nos parece a mais plausível para a não realização do planeado livro.

Tudo aquilo que neste lapso de tempo se alcançou, uma centúria bem contada de 1911 até à publicação do livro de Emilia Salvado Borges, foi tão-só a publicação na imprensa ou em livro de cartas soltas do escritor, algumas de grande significado literário, político e biográfico, como as que escreveu a Camilo Castelo Branco, a Ramalho Ortigão, a Abel Botelho e a alguns outros, e nestas últimas têm lugar cativo a carta a José de Queirós escrita a 3-11-1910 em que o remetente acusa a sua presença em Lisboa nas vésperas e no dia 5 de Outubro, relatando as suas impressões frescas da cidade, da revolução republicana e da queda do trono, carta publicada no *DN* (18-7-1954) e a carta a Costa Macedo (Rio de Janeiro, *Correio da Manhã*, 20-1-1906). Como quer que seja, o que assim se obteve, ao sabor do acaso, umas vezes favorável outras não, ficou muito longe do que foi ideado por alguns dos pares e dos admiradores do escritor nos anos que se seguiram à sua morte e que era a publicação dum grosso tomo dedicado à exaustiva recolha da sua correspondência epistolar.

Embora longe de reunir toda a correspondência de Fialho – faltam por exemplo as cartas à família, numerosíssimas por certo, e as cartas ao seu editor da Livraria Clássica Editora, António Maria Teixeira, bastas também –, não temos dúvida em afirmar que o livro ora dado à estampa, *Fialho de Almeida – Correspondência 1877-1911*, pelo esforço de pesquisa, pela montagem, pela extensão e pela organização dos materiais, parece cor-

responder àquele tomo que os contemporâneos do escritor pensaram. Apesar das falhas, antes de mais a ausência da importante correspondência familiar, falhas que se devem talvez ao até aqui irremediável desencaminhamento dos papéis de A. Maria Teixeira, reconheça-se que o resultado supera o que tantos anos depois da morte do escritor e da dispersão dos seus papéis seria legítimo esperar. Emilia Salvado Borges, responsável pela edição, pode bem ser o beneditino e incansável investigador, cuja laboriosa e teimosa determinação parece haver faltado ao passado e que o presente teve a fortuna de encontrar.

Distribuído em três secções – correspondência activa (cartas *de* Fialho), passiva (cartas *a* Fialho) e correspondência de terceiros (cartas que tratam de Fialho) –, o livro apresenta-se como resultante dum esforço em dois níveis: recolher as cartas dispersas já publicadas e passar a crivo fino arquivos, bibliotecas, espólios, museus e fundos à descoberta de peças inéditas. Em conjunto temos um livro constituído por 385 documentos – 300 integrados na correspondência activa, dos quais 192 inéditos; 73 inseridos na passiva, dos quais 66 inéditos; 12 introduzidos no anexo relativo a terceiros, sete dos quais inéditos.

É verdade que nem tudo a que a pesquisadora deitou mão parece à primeira vista pertinente ao escritor e ao homem. Estão nesse caso alguns brevíssimos postais do fim da vida, enviados em viagem, alguns deles contendo apenas uma única palavra. Vejam-se nesse sentido os postais en-

viados de Heidelberg a Vicente Taquenho, um seu conterrâneo da vila de Cuba que foi depois seu testamenteiro, e a Joaquim Freire de Carvalho, cura de Vila de Frades, em 9-9-1910 e onde consta apenas a palavra «saudades». Da mesma viagem, a mais vasta que o escritor fez, pois saiu de Portugal ainda em Agosto e só regressou em Outubro, cruzando a Espanha, o sul de França, a Suíça, a Alemanha, a Bélgica, a Flandres e por fim Paris, Madrid e Valência, antes de desovar em Lisboa onde assistiu com algum pasmo à queda da monarquia, da mesma viagem, dizíamos, temos ainda alguns postais de duas ou três linhas aos mesmos, a Albino Forjaz de Sampaio e a Afonso Lopes Vieira. Também algumas missivas relativas aos negócios vinícolas, como aquelas de Janeiro/Fevereiro de 1911, inseridas na correspondência passiva (pp. 421-423), parecem à superfície pouco significativas.

A brevidade perfunctória de tais peças é todavia compensada pelo valor doutros documentos, como a reunião das cartas já antes publicadas a Camilo, a Ramalho, a Abel Botelho, a José Queirós, a Costa Macedo e outros e ainda à exumação dalgumas outras da imprensa da época. Estão neste caso as cartas trocadas na guerra em que Fialho andou em 1891 com Joaquim Gonçalves, cartas publicadas nos jornais *A Pátria*, *Novidades* e *A Província*, e com José Júlio Rodrigues, com cartas nos jornais *A Vanguarda* e *Novidades*, e mais tarde, em 1907, as missivas relativas à questão com Amadeu de Freitas, com cartas nos jornais

*A Luta e Novidades*. Estes documentos eram quase desconhecidos antes de Emília Salvado Borges os reabilitar – alguns com a ajuda de Ricardo Revez – da imprensa da época. Assinale-se ainda a publicação da acta de pendência entre Fialho e Joaquim Gonçalves (2020: 432), também publicada originalmente no jornal *A Pátria* (31-1-1891) e que de resto teve alguma fortuna póstuma de edição. Mas a verdadeira novidade do livro, o seu valor acrescentado, aquilo que o compensa de quaisquer limitações, são alguns dos envios inéditos a Junqueiro, a Mariano Pina, a Malheiro Dias, a António Feijó, a António Nobre, a Alberto de Oliveira, a Eugénio de Castro, a Afonso Lopes Vieira – isto para não sair da correspondência de Fialho.

No campo da recuperação de peças já editadas mas enterradas em locais quase inacessíveis refira-se ainda a republicação no volume agora editado da carta ao escritor brasileiro Costa Macedo (2020: 283-284), que ao que se sabe apenas teve uma publicação anterior, a original, em 20-1-1906. Trata-se de uma missiva de crucial importância para se perceber qual era o programa que Fialho se reservava como escritor. Dito de outro modo: qual era para ele o papel e a natureza da literatura. Assinale-se ainda a republicação da versão original do texto de Fialho consagrado ao médico e professor Sousa Martins (1843-1897), que teve por aluno na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa o autor d'*Os Gatos*. Texto originalmente publicado em 1904, como carta ao organizador do *In*

*Memoriam* a Sousa Martins, só muito mais tarde, já depois da morte do autor, em 1924, foi recolhido no livro *Figuras de destaque*, com muitas alterações em relação à versão surgida em vida, só agora reeditada (2020: 261-270).

Entre os vários documentos do autor publicados pela primeira vez em letra redonda paga a pena destacar pela sua curiosidade e extravagância a carta a Mariano Pina de Setembro/Outubro de 1885 (2020: 165-166). Então em Paris, para onde fora depois da morte de Guilherme de Azevedo em 1882 e onde fundara pouco depois a revista *Ilustração*, acamaradara Pina com Fialho antes da saída de Lisboa, na roda do Café Martinho, no antigo Largo do Regedor, no ângulo Norte da praça do Rossio. Já então escritor consagradíssimo, com dois livros publicados (1881; 1882), Fialho foi convidado a colaborar na novel revista. Na ordem das 15 peças, as cartas para Pina versam pois esta colaboração e apenas esclarecem no geral pormenores dela. A missiva em destaque contém porém frases mais pessoais, íntimas até, relativas ao órgão sexual, aí chamado «gaita», que seria porém excessivo levar demasiado a sério, já que o tom é humorado, brincão, anedótico, podendo assim ser enganador. Não cremos que aquilo que aí se diz faça prova de impotência ou de falta de virilidade. Como quer que seja, essa carta deve ser posta em paralelo com uma outra também inédita, muito posterior, de 13-4-1905, dirigida ao médico Augusto da Silva Carvalho (2020: 276-277), que fora colega de Fialho

na Escola Médica, e que nada tem, essa, de brincado. É uma carta séria, alarmada até, e que prova que o remetente sofria de sífilis, uma doença infecciosa em geral transmitida sexualmente. Bastam estas duas cartas para se perceber a importância deste epistolário, e sobretudo da sua parcela inédita. Nenhuma biografia do escritor – e está ainda por escrever a primeira – pode com verdade ser montada sem recurso a estes documentos até aqui desconhecidos. Não custa assim ter este livro como um dos grandes marcos da edição portuguesa do ano que o viu nascer – o de 2020.

Não é possível fechar esta recensão ao livro *Fialho de Almeida – Correspondência 1877-1911* sem falar do trabalho inicial que a responsável da edição dedica a Fialho. Intitulado «Estudo Introdutório» e dividido em sete partes tão-só numeradas, o quase modesto título com que a autora o crismou não chega para cobrir a importância estratégica que ele tem no livro e até a sua desmedida extensão. Ocupando mais de 100 páginas em letra cerrada e miúda (2020: 15-128), isto sem as laudas relativas aos «critérios de edição» (2020: 131-133), é o bastante para num vislumbre percebermos que não estamos ante uma mera nota prefacial, cuja missão é esclarecer facetas da pesquisa e do tratamento do material publicado, ajudando o leitor a melhor enquadrar o que vai ler, mas sim duma verdadeira dissertação, se é que não de uma tese, em torno de Fialho e da sua literatura, com juízos definidos e tomadas de posição vincadas, que extravasam



*Fialho de Almeida (ilustração por Abel Salazar)*

em muito a questão da sua epistolografia. Daí que qualquer recensão a este livro de Fialho que não se debruce sobre este estudo introdutório, que funciona como uma parcela autónoma, quase um segundo livro, ficará forçosamente incompleta. Embora em muitos momentos esse estudo nada

tenha a ver com as cartas de Fialho, tocando aspectos distintos da sua acção escrita, o que aí se afirma é demasiado marcado, demasiado definitivo, para não ser seguido ou rebatido.

O estudo de Emília Salvado Borges é um trabalho bem documentado e

acima de qualquer falha de informação. Não seria de esperar outra coisa da investigadora que queimou com certeza muita pestana para reunir o material que nos apresentou no livro que aqui se comenta. De resto, a mesma autora já nos tinha dado um estudo sobre Fialho enquanto crítico de arte, «Fialho de Almeida: olhares sobre a arte» (in *Boletim da Associação Cultural Fialho de Almeida*, n.º 3, II Série, 2018, pp. 15-31), em que a qualidade dos seus conhecimentos e a vasta notícia que tinha do escritor e dos seus trabalhos sobressaíam. Com o volume de informação que agora nos lega, com as cartas e os textos que exumou dos arquivos e da imprensa e de que nos deixou o elenco na bibliografia final do livro (2020: 452-462), bem podemos pensar que depois de Costa Pimpão, que subscreveu o informadíssimo trabalho *Fialho: introdução ao estudo da sua estética* (1945), a autora é quem melhor conhece hoje os meandros dos livros, da vida e das muitas prestações de Fialho na imprensa, ainda hoje à espera de livro, algumas delas publicadas originalmente sob pseudónimo. Ao invés de outros leitores e críticos recentes de Fialho, a sua preocupação não tem sido tanto interpretar a literatura mais conhecida do escritor, aquela que por ele foi compilada, a que o seu último editor adicionou alguns livros póstumos, mas muito mais alargar as suas fronteiras a zonas textuais até aqui na sombra, como a epistolografia e os muito linguagems que jazeram até aqui soterrados nas páginas hoje quase ilegíveis dos jornais da época. Também neste

caso prosseguiu e alargou a lição de Costa Pimpão, o primeiro que mostrou real preocupação em estudar as primícias de Fialho. Ao que a própria afirma, um dos pseudónimos que Fialho usou, QUIDAM, com que colaborou no jornal *O Repórter* (1888), só pelo seu acendrado labor, comparando textos aparecidos nesse jornal e outros embutidos mais tarde nos seus livros, chegou agora ao nosso conhecimento.

Estas qualidades pioneiras do trabalho de Emilia Salvado Borges podem com facilidade ser estendidas a outras significativas descobertas, como algumas moradas de Fialho em Lisboa (2020: 21), antes de mais a derradeira que teve ao Príncipe Real (2020: 112), a sua inscrição em 1878 no Curso Superior de Letras, que frequentou como voluntário ao lado de Teixeira Gomes e de Fortunato da Fonseca (2020: 23), a experiência médica em Vila de Frades entre o final de 1886 e o final de 1887 e nunca até aqui provada (2020: 32-33). Como quer que seja, este volume de novas informações, esta extensão de novas descobertas não chegam para fazer do trabalho de Salvado Borges aquilo que seria legítimo esperar dele – uma verdadeira revolução nos estudos de Fialho. Para assim ser, falta-lhe uma simpatia essencial para com a obra do escritor. Legítima ou não, justificada ou injustificada, essa falha só seria aceitável do nosso ponto de vista caso não interferisse com o trabalho, o que não é o caso. Muitos dos juízos antipáticos e forçados, no mínimo precipitados e discutíveis, para não dizer desnecessários, que a au-



tora tem necessidade de formular nas suas linhas só a essa falta essencial se podem atribuir. O seu estudo aparece assim tocado por uma antipatia para com o escritor, que o parcializa nas suas avaliações e juízos, acabando por lhe roubar uma parte nada despicienda do valor que podia ter e não tem. Com muito menos trabalho de arquivamento, com menos esforço de pesquisa, com menos demora até, mas com um mínimo de simpatia capital, conseguiram outros melhores resultados. É com certeza o caso do estudo de Isabel Cristina Mateus atrás referido, que, não trazendo revelações novas sobre a vida do autor, nem mesmo inéditos seus, adianta porém um entendimento inovador da linguagem do escritor. A missão do mais elevado labor crítico não é julgar como boa ou má a obra dum escritor, mas compreendê-la com instrumentos renovados e sempre mais desenvolvidos.

Embora de forma resumida e selectiva, dadas as características de uma nota como esta, inevitavelmente breve, não podemos deixar de apontar alguns exemplos do que dizemos. Leia-se por exemplo este período, logo na abertura do trabalho (2020: 16): «De facto, com exceção de alguns dos seus contos, a sua obra revela-se demasiado datada, focada que está em personagens e situações que hoje pouco ou nada dizem ao leitor». Trata-se dum juízo que pouco adianta ao conhecimento da epistolografia do escritor – e daí a impressão de surgir de forma desnecessária, sem real necessidade. Ademais é um juízo discutível, que merece atenta ponderação, e que em

caso nenhum devia ser apresentado de forma tão afirmativa. A *falha* está aqui em supor que o interesse dos textos críticos de Fialho vivem de «personagens e situações». Não vivem. O seu interesse reside antes na forma como dizem, não naquilo em que falam. *Personagens e situações* podem ser desconhecidas ao leitor do séc. XXI, mas não assim a língua em que Fialho escreve. Essa continua viva, interpelando o falante de hoje e empenhando-o na sua novidade e criação. O que faz o interesse dum sermão do Padre António Vieira não são as tramas, as figuras, os lances envolvidos, todos revolutos e esquecidos, mas sim a língua que deles fala. O mesmo se passa com os textos críticos de Fialho. Não se pode pois afirmar de modo tão assertivo que «a sua obra se revela demasiado datada».

É possível que grande parte dos equívocos do estudo introdutório reside nesta incompreensão de base entre o que se refere e a forma como se diz. Mesmo quando presta atenção à expressão em Fialho, ao seu estilo, o seu juízo é negativo e parece comandado por aquela antipatia instintiva que atrás referimos. Assim ao falar d'*Os Gatos* diz o seguinte (2020: 36-37): «As temáticas que foca no seu panfleto são as que Ramalho já abordara, embora sem grande inovação e até com algum retrocesso de perspectiva. Todavia, o estilo sarcástico, violento, e por vezes, pouco educado, de Fialho, muito diferente da fina ironia e do humor elegante de Ramalho, tornam *Os Gatos* muito diferentes de *As Farpas*». Ora é o sarcasmo violento e irreve-

rente do seu estilo, o grotesco da sua mundividência, que faz a superioridade de Fialho sobre Ramalho, cujo «humor elegante» é demasiado cortesão e inofensivo para ter eficácia e para poder ser eleito a crista do nosso panfletismo. A comparação estabelecida entre os dois autores não convence e, com mais cuidada avaliação, os resultados podem ser inversos. Mais discutível é o paralelo que de viés a autora estabelece entre Fialho e Guilherme de Azevedo, de quem diz (2020: 120): «Brilhante, original, incisivo, captando uma situação ao primeiro olhar, de frase curta e ironia fina, sabendo ser cáustico sem nunca ser grosseiro (...), Guilherme de Azevedo era, na sua escrita, o reverso da sua figura física». Esta avaliação de Guilherme de Azevedo como cronista de jornal parece-nos grandemente inflacionada. O seu estilo é muito mais dessorado que o de Fialho, o que facilmente se demonstra pela riqueza do léxico e pela qualidade da construção da frase. O léxico de Fialho é incomparavelmente superior ao de Azevedo, cujo vocabulário é vulgar, e a frase fialhina é dum requinte sintático, dum boleio caprichoso e seguro de montagem que muito se adianta à «frase curta», minguada e soluçante, do cronista da *Gazeta de Notícias*.

Nos juízos de valor atrás citados paga a pena assinalar o primado da moral convencionada sobre a liberdade estética. Fialho ao lado de Ramalho é pouco educado e deselegante e por comparação a Azevedo é grosseiro. De resto o único retrato de Fialho que sobressai do longo estudo de Emília Sal-

vado Borges é o dum homem inferior, ordinário, rude, petulante, ridículo, invejoso, frustrado, pusilânime e quase canalha. Leia-se este passo (2020: 28): «Tímido, nervoso, indeciso, irrequieto, aspirante a dândi, extremamente suscetível, «titubeante da vontade», exibicionista até no modo ridículo de vestir, pontificava à mesa dos cafés perante um auditório diversificado e nem sempre recomendável, que vivia do culto da má-língua, à custa das anedotas grosseiras que contava e das piadas estudadas (...)». E ainda este (2020: 87): «Era emocional, hipersensível, até cruel, não tinha serenidade de análise, e nisso concordam muitos dos seus amigos e estudiosos da sua obra. Foi muitas vezes injusto e irrefletido, dizendo mal de obras e de autores, para depois se arrepender e se desesperar por tê-lo feito». Citações idênticas podiam ser arroladas em outras páginas, algumas talvez mais castigadoras. Não há um momento no estudo de Emília Salvado Borges em que este perfil boçal e indigno apareça contrariado, um só em que a autora queira dar destaque a qualidades positivas de Fialho. Embora o homem e o escritor sejam distintos, podendo este ser excelso e o outro pulha, não nos parece que em Fialho o homem fique assim tão atrás do escritor. Basta lembrar o testamento que fez a 1-3-1911, que é do conhecimento geral desde 1917, e basta agora atentar nas muitas cartas que escreveu de 1877 a 1911, para se perceber que este homem também foi ponderado, generoso, social, filantropo, amigo, entusiasta, condoído, sincero e de boas contas.